



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO ALHO NA
CIDADE DE PICOS/PIAUÍ (1950 A 1981)

PICOS-PI

2013

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO ALHO NA
CIDADE DE PICOS/PIAUI (1950 A 1981)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleisson da Costa Monteiro.

PICOS-PI

2013

Eu, **Francisco José da Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586i	Silva, Francisco José da. A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/Piauí (1950 a 1981) / Francisco José da Silva. – 2013. CD-ROM : il. ; 4 ¼ pol. (58p.) Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013. Orientador(A): Prof ^ª . Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro. 1. Depoimento Oral. 2. Alho. 3. Declínio. 4. Auge. I. Título. CDD 981.812 22
-------	---

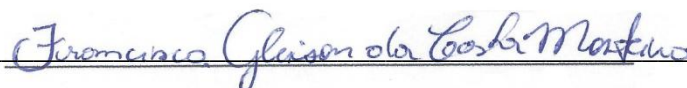
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO ALHO NA
CIDADE DE PICOS/PIAUÍ (1950 A 1981)**

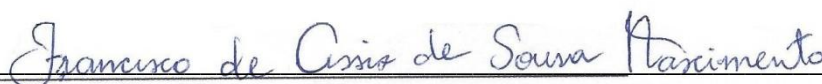
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciado em História.

Monografia aprovada em 16 / 04 / 2013

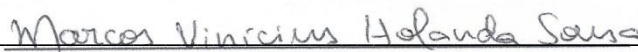
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Francisco Gleisson da Costa Monteiro
Orientador



Prof Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento
Examinador Interno



Prof. Marcos Vinicius Holanda de Sousa
Examinador Externo



Prof. Karla Ingrid Pinheiro Oliveira
Suplente

Dedico este trabalho a Deus por ter iluminado meus caminhos e ter conseguido chegar ao fim dessa longa jornada. A meu avô Francisco Gomes da Silva (in memoriam) pelo amor, carinho e dedicação que sempre teve comigo. E a meus dois amores a quem dedico todas as minhas conquistas e realizações, pois sem elas seria impossível chegar até aqui, minha avó Raimunda Nonata da Silva (vó Raimunda) e minha mãe Conceição de Maria Silva Nascimento. Obrigado pelos ensinamentos e por tudo que fizeram e fazem por mim, sem vocês minha vida não teria graça muito menos sentido, eu amo vocês e sou eternamente grato. Por fim, dedico este trabalho a minha irmã Ana Luiza Silva Araújo (Totinha) pelo amor, carinho, e afeto de sempre.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, pai de misericórdia e bondade pelo dom da vida, e por sempre estar presente nesta, pois sem ele tudo é em vão. Obrigado senhor por ter me dado a melhor família e amigos que uma pessoa possa ter, e por ter me guiado e auxiliado a superar as dificuldades e obstáculos presentes nessa caminhada, sendo estes necessários para que saibamos valorizar as nossas conquistas e realizações, além de nos proporcionar sabedoria e desenvoltura para que possamos superá-las.

Agradeço imensamente e cordialmente a todos os membros da minha família (Família Silva) pelo amor, carinho, dedicação e afeto de sempre comigo. Quero agradecer a meu avô Francisco Gomes da Silva (*in memoriam*) pelas histórias, conversas, conselhos, brincadeiras, e por fazer a minha infância mais feliz e inesquecível.

A minha avó Raimunda Nonata da Silva por tudo que fez e faz na minha vida, sendo que a mesma me deu tudo o que foi dado pelo meu avô e mais um pouco, pois ela me criou pautado nos melhores valores possíveis, além disso, é minha companheira de todos os momentos, e sempre se dedicou a mim desde quando nasci, por ela tenho um amor incondicional, como também, é para mim um exemplo de vida, sendo este que aqui vos fala o fã incondicional da melhor avó do mundo que a ama da mesma forma.

Sou muito grato também à minha mãe Conceição de Maria Silva Nascimento pelo amor, carinho, afeto, e por toda sua dedicação comigo, pois, tenho muito orgulho de ser filho da mesma, além disso, ressalto que viveu e vive em função de mim, sendo um exemplo maternal, pois deixou de realizar sonhos, vontades, desejos para que eu pudesse realizar os meus, por isso, sou seu fã incondicional e o meu amor por ela também é desta maneira. E a minha irmã Ana Luiza Silva Araújo (Totinha) pelo amor, carinho, afeto e dedicação de sempre.

Agradeço também as minhas tias: Maria da Conceição Silva dos Santos (Tia Ceixa), Francisca das Chagas Silva Sousa (Tia Nena), Maria do Socorro (Tia Socorrinha), Vanusa Barbosa Leal Silva, Maria das Graças Silva Sousa (tia Dina), Rosália Pires da Silva (Tia Lalá) e Maria Neide (tia Neide) Milla Siqueira da Silva (Tia Milla), Maria dos Remédios Tia Memé), Tia Nilssinha, Tia Teresinha (Tia Têê) por toda a contribuição, amor e apoio que me dedicaram durante toda a minha vida.

Queria agradecer aos meus tios: José Augusto da Silva (pai Zezim), Júlio César da Silva (tio Júlio), Antônio Carlos da Silva (tio Toninho), Carlos Augusto da Silva (tio Carlim),

José Ribamar (tio Riba), Antonio Francisco da Silva (tio Toin), Esmeraldo Souza (tio Esmeraldo), Tio Bentim e Tio Nonato, por todo amor, carinho, conselhos, amizade, brincadeiras que me proporcionaram momentos felizes em minha vida.

Aos meus primos: Leonardo Silva (Léo), Ricardo Silva, Antônio Aécio, Tony Francis (Pante), Antônio Manoel (Pepeto), José Augusto da Silva Júnior (Moreno), César Augusto (Pila), Juliano César (Cesinha), Tiago Silva, Victor Hugo, Robson, Vinícius, Edimar Sobrinho, Jonas Manoel, Misrael Souza, Cristiano César, Eduardo, Fofito, Raul, Fábria, Gustavo Alves, Carlos Eduardo, Francisco (Tio Ceicho), Gilssonei Alves (Gilson) pelo carinho, afeto, amor, compreensão, brincadeiras e risos.

As minhas primas: Neiliane Maria (Mana), Nathália Silva, Daniela Silva (Dani), Juliana Silva (Juh), Vanessa Júlia (Nessa), Loyane Pereira Veras, Geanny Alves, Eloah Sofia (Pipi), Niara Larissa, Mônica Géssica (Naninha), Raimunda Valéria (Raimundinha), Auricélia Cristina, Elyda Fernanda, Evelyn Siqueira, Gisleide Alves, Gisele Alves, Tamyres Alves, Vandete Silva, Luciana Silva, Ligia Paula, pelo amor, carinho, afeto, brincadeiras, conversas, conselhos e risos.

Agradeço, a Luís Romário (compadre), Marcos Baptista (Marquim), Iran, Roni Edson (Cocão), Ronielson, Elieser Rocha (*in memoriam*), João Cabral (*in memoriam*), Almir, Nim, Chato, Gordo, Patrick Baptista, Maycon, Leonardo Veloso (Baiano), Leandro Veloso, Marina Dantas, Beatriz, Fernanda, Lydianne Veloso por fazerem parte da minha infância me ajudando a fazer dela a melhor fase de minha vida.

Sou muito grato a meus amigos do Instituto Monsenhor Hipólito: Arthur Leal, Eduardo Henrique (Dudu), Maurício Carvalho, Ismael Luz, Saulo Sousa, Edivaldo (Padre), Aylla Mara, Layane Feitosa por tudo que fizeram e fazem por mim.

Faço aqui um agradecimento aos meus amigos do curso de História: José Waldir de Sousa Moura Júnior, Layrton Borges Bezerra, Bruno Santos Luz, Jaqueline Cavalcante, Raila Quelly, Joyce Nunes, Millena Araújo, Marília Pinheiro, que passaram essa longa jornada ao meu lado aonde dividimos: amor, carinho, afeto, alegrias, tristezas, conversas, brincadeiras, risos, conselhos, companheirismo, angústias, raiva, sendo que a amizade venceu todas as barreiras e obstáculos nessa jornada de quase cinco anos, tornando-se cada vez mais forte. Nesse contexto, agradeço de maneira especial aos amigos: Eduardo Henrique Barbosa de Almeida (Dudu) e Jaelson Roniel Rodrigues Virgolino pela entrega e dedicação para comigo, aonde estes, cada qual a sua maneira, foram indispensáveis nessa caminhada, pois sempre estiveram e estão ao meu lado, me apoiando, incentivando, aconselhando, esta dupla não é composta mais de amigos, mas de irmãos que levo no meu coração, pra toda minha vida

sendo que a amizade deles, como também a pessoa de ambos são um orgulho para mim. Aos demais que estudaram comigo na UFPI de Picos, o meu muito obrigado pela paciência e o carinho de sempre.

Obrigado aos amigos: Ítalo Batista (Sargento) Elierson Moura, Rhayllan Lamaro, Samairkon Alves, Íkaro de Fontes Goés, Assuero Sávio, Tiago Teixeira, Saulo Teixeira, Luan Cardoso, Ramirez (Pirão), Claudimar, Gleisson Hipólito, Renam, Lorena Leal (Maninha), Sara Brito, Livia Carvalho, Renata, Maria Rainice, Fátima Rayeneh, Sara Luz e Kelly Márcia pelo apoio e carinho de sempre.

Sou muito grato a meu orientador, professor Ms. Francisco Gleisson Monteiro da Costa pela disponibilidade, paciência, compreensão e dedicação na realização deste trabalho. Agradeço também, a professora Ms. Ana Paula Cantelli Castro por me proporcionar uma experiência ímpar na minha vida acadêmica na qual tive a oportunidade de participar de seu projeto de extensão responsável pela digitalização das fontes do Museu Ozildo Albano e neste desenvolvi as minhas primeiras ações como pesquisador. Em seguida, agradeço ao professor Ms. Gustavo Silvano Batista por ter me proporcionado a oportunidade de fazer pesquisa em seu projeto de extensão História, Historicidade e Memória no qual, tive a oportunidade de realizar pesquisas e leituras, que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico. Agradeço também ao professor Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta por ter me dado a oportunidade de desenvolver pesquisas no seu projeto de iniciação científica.

Agradeço ao professor e que com muito orgulho posso chamá-lo de amigo, Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento pelo incentivo, conversas, apoio, carinho, respeito, afeto e dedicação de sempre, sendo o mesmo um exemplo de profissionalismo e de ser humano para mim, no qual me inspiro desde quando o conheci, representando para mim uma grande referência, um exímio professor, uma pessoa incomum nesse mundo atual.

Agradeço, também, aos demais professores do curso de História, pela dedicação, contribuição, ensino, amizade proporcionada durante minha trajetória acadêmica.

Agradeço a Gracivalda Albano pela ajuda nesta pesquisa, disponibilidade, além da atenção e carinho de sempre, pois a mesma foi fundamental para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço aos entrevistados: Rosa de Lima Araújo Luz (D. Rosa), Oswaldo Almeida de Sousa (Sr. Vavá), José Manoel de Almeida (Zé Dantas), José de Aquino Dantas (Zé do Alho) Epaminondas Rodrigues de Carvalho (Sr. Pain), Josino de Barros Neto (Sr. Josino) que foram gentis, disponíveis, atenciosos e generosos comigo, sendo fundamentais para realização da minha pesquisa e conseqüentemente deste trabalho.

Agradeço a todos os funcionários da Escola Senador Nilo Coelho - SESI escola esta que tive o prazer de estudar no período de 1994 a 2000. Aos funcionários da Escolinha Caminho do Saber na qual estudei no ano de 2001. Aos funcionários do Instituto Monsenhor Hipólito escola que estudei de 2002 a 2007. Aos funcionários do Colégio Antares no qual estudei no ano de 2008. E a todos os funcionários da Universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídio Nunes de Barros-Picos na qual com muito prazer estudo desde 2008. Por fim, agradeço a minha família oirense pelo afeto, apoio, carinho, amor e dedicação de sempre: D. Graça, Tadeia Marques, Sr. Cláudio, D. Francisca, Alberth, Bruno, Renata, Brena, Regiane Macêdo, Teresa, Talysson Bruno, Tia Gracinha, Teresa Cristina, Tio Louro, Sara, Patrícia, Tia Célia, Tia Zeneide e àqueles que direta ou indiretamente contribuíram na construção desse trabalho e que por ventura não mencionei o nome.

Numa cidade do interior o alho teve o seu esplendor, e as lembranças e saudades estão presentes nas reminiscências da memória deste povo trabalhador.

(Francisco José da Silva)

RESUMO

A cidade de Picos Piauí foi, durante as décadas de 1950 a 1980 conhecida como a capital do alho, por ser o município com maior produção no Nordeste. No entanto, muitos fatores contribuíram para o declínio da produção. Dentre eles, a construção da Barragem de Bocaina e a concorrência do alho vindo de outros Estados. Com base nessa afirmação, este trabalho tem como objetivo geral analisar a importância do ciclo econômico do alho na cidade de Picos entre 1950 a 1981, e sua correlação com o desenvolvimento econômico da cidade nesta época, demonstrando, nesse processo, auge e declínio deste ciclo e suas consequências para a economia local. Entre os objetivos específicos estão: identificar as relações de interdependência entre sociedade e ciclo econômico; analisar a importância do Rio Guaribas para a produção do alho na região; compreender os motivos que levaram a decadência do ciclo do alho; estabelecer uma interligação entre a economia e outros setores da sociedade picoense, proporcionando um conhecimento mais aprofundado sobre o cotidiano em Picos; conhecer o que a economia de Picos, no período estudado, representava para a sociedade local e regiões circunvizinhas, apresentando como se dava o contato entre sociedade e economia; investigar como o setor agrícola influenciou no processo de plantio e a comercialização do alho, e como ele impulsionou e dinamizou a economia local; descrever como se apresentava o modo de produção do alho, como também os equipamentos utilizados neste processo. A metodologia utilizada baseou-se na entrevista oral com seis depoentes, que participaram do auge e declínio da produção e comercialização de alho nesta cidade. Utilizou-se um gravador como instrumental de coleta de dados. Foram usados autores como Duarte (1995) e (2002), Quiroga et. al. (1975), Luengo et. al. (1999), Fonsêca (2004), Varão (2007), Halbwachs (1990), Bosi (1979), Portelli (1996) dentre outros. Os resultados apontaram que o auge do alho deu-se nas épocas de 1950 a 1980 como também, que o fator principal do declínio foi a construção da Barragem da Bocaina e a concorrência com outros estados e posteriormente países. Os seis entrevistados informaram ainda que o dinheiro gerado pela produção serviu para formar muitos profissionais picoenses.

Palavras-chave: Depoimento oral. Alho. Auge. Declínio.

ABSTRACT

The Picos Piauí was during the decades from 1950 to 1980 known as the garlic capital, being the county with the highest production in the Northeast. However, many factors contributed to the decline in production. Among them, the construction of the dam Bocaina garlic and competition coming from other states. Based on this statement, this paper aims at analyzing the importance of the economic cycle garlic in the city of Picos between 1950-1981, and its correlation with the economic development of the city at this time, demonstrating in the process the peak and decline of this cycle and its consequences for the local economy. The specific objectives are: to identify the interdependencies between society and economic cycle; analyze the importance of Rio Guaribas for the production of garlic in the region, understand the reasons why the decay cycle garlic; establish a link between the economy and Pico other sectors of society, providing a deeper knowledge about everyday in Picos; know what the economy peaks during the study period, accounted for the local community and surrounding regions, showing how was the contact between society and economy; investigate as the agricultural sector influenced the process of planting and marketing of garlic, and how it boosted the local economy and streamlined; describe how you had the mode of production of garlic, as well as the equipment used in this process. The methodology used was based on the oral interview with six interviewees, who participated in the peak and decline of production and marketing of garlic in this city. We used a tape recorder and instrumental data collection. Authors were used as Duarte (1995) and (2002), Quiroga et al. al. (1975), Luengo et al. al. (1999), Fonseca (2004), Rod (2007), Halbwachs (1990), Bosi (1979), Portelli (1996) among others. The results showed that the peak of garlic has been in the seasons from 1950 to 1980 as well, the main factor was the decline in the construction of the dam Bocaina and competition with other states and countries later. The six respondents also informed that the money generated by production served to form many professional people from Picos.

Keywords: Oral testimony. Garlic. Heyday. Decline.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capela de Bocaina	19
Figura 2: Picos na época de 1960.....	22
Figura 3: Imagem da cidade de Picos na década 1970.....	24
Figura 4: Local onde foi construído o 3ª BEC	25
Figura 5: Mapa do Piauí.....	28
Figura 6: Mapa do Vale do Guaribas	29
Figura 7: Vazantes do Rio Guaribas na década de 1970.....	31
Figura 8: Vazantes do Rio Guaribas na década de 1970.....	32
Figura 9: Rio Guaribas em 2013	33
Figura 10: Imagem das tranças de alho em uma feira na década de 1970	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ano de formação dos municípios em torno do Guaribas	30
Tabela 2: Processamento do alho	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A IMPORTÂNCIA DO RIO GUARIBAS PARA O POVOAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO DO ALHO EM PICOS PIAUÍ	18
1.1 Breve discussão de alguns aspectos sociais e econômicos da cidade de Picos	18
1.2 Rio Guaribas: importância estratégica para a agricultura picoense	28
2 APOGEU DA PRODUÇÃO DO ALHO EM PICOS E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE PICOENSE	35
2.1 Um olhar histórico sob a produção de alho nas décadas de 1950 a 1981	36
3 A CORRELAÇÃO ENTRE ALHO E PRODUTOR: AUGE E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO EM PICOS PIAUÍ	42
3.1 A história contada pelos seus sujeitos: análise das entrevistas com os produtores de alho das décadas de 1950 a 1981	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a importância da cultura do alho para a região de Picos e regiões circunvizinhas, devido a sua importância econômica que os tornou predominante no ciclo comercial na região por causa da rentabilidade do produto e de sua aceitação no mercado, sendo o mesmo exportado para várias cidades do Piauí, chegando a ser vendido para outros Estados do Norte e Nordeste, tornando-se, assim, a principal cultura agrícola cultivada e comercializada pela cidade entre o período de 1950 a 1981. Como embasamento teórico que trata da cidade de Picos Piauí e seus diversos aspectos foram utilizados autores como: Silva (2011), Damasceno (2012), Duarte (1995) e (2002), Sousa (2006), Fonsêca (2004), Varão (2007).

Desde a década de 1950 a agricultura era uma das principais atividades econômicas da cidade de Picos Piauí, por esta apresentar um território propício para o desenvolvimento dessa atividade. As plantações eram desenvolvidas nas vazantes do Rio Guaribas, sendo neste período o rio perene, o que possibilitava a prática agrícola durante o tempo de seca na região. A plantação destas culturas era realizada no período da estiagem, pois o período chuvoso era impróprio para o plantio, devido as enchentes devastarem as plantações existentes nas proximidades. Além de sua importância econômica, a cultura do alho abria postos no mercado de trabalho, por causa do seu plantio em grande quantidade e no seu manejo para a comercialização, envolvendo os setores de produção e distribuição.

O início da construção da Barragem de Bocaina de 1981 influenciou, de forma negativa, nesta prática econômica, pois os detritos que sobravam desta construção ficavam sobre as áreas em que o alho era plantado, fazendo com que a produção diminuísse e, conseqüentemente, esse ciclo econômico fosse interrompido, causando um impacto negativo na economia picoense e para as famílias de pequenos agricultores que viviam em função dessa prática. Essa informação pode ser confirmada na fala de um dos entrevistados, vale ressaltar, que a construção desta barragem tinha por objetivo controlar as cheias que eram periódicas no rio Guaribas desta época.

Vale ressaltar que a agricultura fazia-se presente nessas épocas de forma tímida, porém com a implantação e desenvolvimento do ciclo do alho na segunda metade do século XX a economia picoense se consolidou ganhando notoriedade regional. Além disso, o comércio picoense surgiu e com o tempo diversificou-se ganhando importância em consequência da população que reside na microrregião de Picos e que se tornou exigente na sua prática consumista. Com isso, foram chegando à cidade novas famílias de outros estados e de outras

idades do Piauí, movidas pelos ideais de oportunidade e prosperidade que apresentava, fazendo com que outros setores da sociedade, como saúde, educação, entre outros, se transformassem ou iniciassem seus trabalhos na prática para que a população de Picos e região pudesse usufruir dos benefícios oferecidos por eles (VELOSO et. al, 1999).

A economia picoense, mesmo com a modificação que se fazia constante neste período, era forte e presente, através principalmente do plantio do alho nas proximidades do Rio Guaribas. Posteriormente, este produto era comercializado na região picoense, chegando a ser exportado para várias cidades do Piauí, como também para outros Estados. Com isso, Picos ganhava reconhecimento, seguido por títulos, devido as suas potencialidades, ocasionando seu fortalecimento econômico e conseqüentemente político e social, fazendo com que a velha fazenda de gado localizada no centro-sul do Piauí se tornasse um polo econômico de referência a nível estadual e de importância regional, devido o seu entroncamento rodoviário.

O objeto de estudo está relacionado à importância do alho para a economia picoense da segunda metade do século XX. Como metodologia, a fim de melhor perceber este objeto, foram utilizadas fontes orais para o embasamento empírico junto a fontes documentais e hemerográficas que constituirão suporte para a (re)construção desse período. Para tanto, foram usados jornais da época, cedidos pelo Museu Ozildo Albano; também usamos revistas como a FOCO, a fim de cruzar os dados com as entrevistas.

A pesquisa está filiada na perspectiva da História Cultural, dando espaço aos personagens que diretamente ou indiretamente levaram o alho a tornar-se um produto de rentabilidade e destaque para o cenário local e até regional.

Diversos aspectos tornam esta pesquisa importante para o contexto picoense. Primeiro, pelo alho ter sido importante para a economia local da região picoense durante o período de 1950 a 1981. Também a pesquisa faz-se de extrema relevância por envolver esse ciclo econômico, por evidenciar o desenvolvimento da cidade e o da sociedade picoense, como também por não haver tantas fontes escritas que abordam esta temática, objetivando assim, contribuir para a historiografia picoense, devido esta ter como principal setor econômico o comércio. Então, ao longo dessa pesquisa aprofundou-se os estudos referentes a esse tema, para que futuramente possa possibilitar a outros estudiosos uma maior amplitude de fontes no campo de pesquisa sobre a história local.

No referente ao espaço temporal deste objeto de pesquisa, o período iniciado em 1950 foi escolhido pelo fato de ser o início do desenvolvimento da produção do alho e 1981 por ser o momento da construção da Barragem de Bocaina e conseqüente começo do declínio deste ciclo econômico.

Dentro desta perspectiva, descreveu-se diversos aspectos que estavam em torno deste ciclo econômico, assim como mostrou-se como eram as etapas do plantio do alho, sua distribuição e se havia algum processo tecnológico no seu desenvolvimento que pudesse ocasionar uma maior produção, como também uma melhor qualidade do produto, além de buscar esclarecer se há uma correlação entre este ciclo para o desenvolvimento de um sentimento de cidade comercial, que a sociedade picoense possui.

A economia picoense é um tema pertinente na história de Picos, pois através dela a cidade passa a ter respaldo entrando de vez no cenário da historiografia piauiense.

No âmbito acadêmico, este trabalho contribui de modo valoroso por apresentar um campo vasto, devido exercer uma relação de causa e consequência, possibilitando ao pesquisador e, posteriormente, à sociedade um conhecimento mais aprofundado, pois se houver interesse por parte dos pesquisadores em trabalhar com qualquer setor da sociedade picoense este deverá ter um pequeno conhecimento sobre o papel da economia em Picos.

Por isso, trabalhou-se com este objeto, que possibilitou a realização de pesquisas em outros campos, assim como um maior aprofundamento deste, podendo ocasionar a realização de teses, inserindo Picos na historiografia nacional, levando ao conhecimento de vários pesquisadores o amplo campo de pesquisa que a cidade disponibiliza, podendo ocasionar futuras pesquisas que irão contribuir para uma melhor formação acadêmica e um conhecimento mais diversificado sobre a cidade, fazendo com que esta se torne referência na área do conhecimento e do saber.

Para melhor compreensão desse estudo, ele está dividido em três capítulos. Antes do primeiro são feitas as considerações iniciais acerca do trabalho, apresentando os objetivos, bem como apresentando o tema ao leitor. No primeiro capítulo do trabalho aborda-se a importância do Rio Guaribas para a constituição histórica da cidade de Picos, bem como sua relevância para a produção de alho, durante as décadas de 1950 a 1981.

O segundo capítulo do estudo traz uma abordagem histórica acerca da produção de alho na cidade de Picos Piauí, que constitui o objeto de estudo do presente trabalho. Apresenta-se, com base em autores e documentos da época, como era feita o plantio, a colheita e a produção de alho.

Após isso, no terceiro capítulo, são analisadas as entrevistas dos sujeitos que participaram desse processo histórico. Em seguida, são feitas algumas considerações finais, bem como aponta-se as referências que subsidiaram o estudo, seguido dos apêndices e anexos.

1 A IMPORTÂNCIA DO RIO GUARIBAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO DO ALHO EM PICOS PIAUÍ

Este capítulo tem como objetivo tratar de alguns aspectos referentes à composição social da cidade de Picos, levando em consideração aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e educacionais.

Também será abordada a relevância do Rio Guaribas para a cidade de Picos, pois as plantações de alho eram feitas nas vazantes do Rio Guaribas, o que será necessário para compreendermos o nosso objeto de estudo. Sendo assim, todos os aspectos referentes ao rio como também todas as ações ocorridas direta ou indiretamente no rio interferiam na produção do alho.

1.1 Breve discussão de alguns aspectos sociais e econômicos da cidade de Picos

Antes de tratar da cidade de Picos Piauí, faz-se necessário abordar, de forma breve, como começou a povoação na região que se encontra a cidade. Primeiro, dada as circunstâncias do avanço do gado sobre a cana-de-açúcar, iniciou-se o processo de interiorização do gado pelo Nordeste brasileiro, pelos limites além mar. Como a necessidade de consumo da carne se constituía um interesse para a colônia, essa atividade econômica encontra todo apoio. Como informa Brandão (1999, p. 67): “sua expansão pode ser interpretada como produto do crescimento natural do rebanho, como também do contínuo desenvolvimento da demanda de animais de tiro e consumo de carne na Colônia”.

A região do Piauí foi alcançada por esse processo em expansão. Sendo assim, os espaços brasileiros ocupados neste período, incluem as terras que formaram o Estado do Piauí, das quais cederam lugar ao gado, em sua maioria vindo de Pernambuco (DUARTE, 2002).

Nos séculos XVII e XVIII, a pecuária foi a base da formação social piauiense. Esse empreendimento econômico nas caatingas nordestinas deslanchou inicialmente de maneira itinerante a um baixo custo, ocorrendo em lugar propício e adequado à necessidade de desenvolvimento de tal atividade. Ramificam-se por diversos territórios do espaço que seria o Estado do Piauí, quando novas vilas e províncias foram criadas, entre as quais, a cidade de Picos, o campo empírico do presente estudo.

A cidade em estudo tem uma situação geográfica cercada por montes picosos, o que motivou o nome Picos. Teve seu processo de formação, como quase todas as cidades do

Estado do Piauí, e por que não dizer do Nordeste do Brasil, impulsionado pela expansão colonial. Assim, o início oficial do povoamento do município em estudo ocorreu com a vinda de compradores de cavalos vindos de Pernambuco e da Bahia. Segundo Sousa (2006), o ponto de chegada inicial foi na localidade onde se encontra hoje o município de Bocaina (cidade da microrregião), local em que Antônio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, ainda existente, tornando-se parte do acervo histórico da Região, conforme figura abaixo:

Figura 1: Capela de Bocaina



Fonte: acervo pessoal

Na imagem acima está a capela edificada por Antônio Borges Marinho. Este foi o ponto inicial da cidade de Picos. Destaca-se que esta capela está no município de Bocaina e não permanece da mesma forma como foi construída em 1754, pois passou por algumas reformas, sendo uma delas motivada por um raio que atingiu a torre desta igreja mas, tanto estas reformas não alteraram sua arquitetura original.

Após o período citado acima, Sousa (2006, p. 26) afirma que:

Em 1851, erigiu-se a freguesia no povoado sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Em 20 de dezembro de 1855 foi elevada a categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras, ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada à fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho, às margens do rio Guaribas. Em 12 de dezembro de 1890, Picos foi elevada à categoria de cidade.

Conforme percebe-se, a formação do município deu-se no final do Império e início da República, período em que a sociedade brasileira passa por uma época de acelerada mudança. “[...] Em 1851 tinha início o movimento regular de constituição das sociedades anônimas; na mesma data fundou-se o segundo Banco do Brasil, (...). Em 1854 abre-se ao tráfego a primeira linha de Estrada de Ferro do país” (HOLANDA *apud* RIBEIRO, 1992, p. 60).

Em outros relatos, historiadores registram que o município de Picos, situado nos Baixões Agrícolas Piauienses, distante 307 quilômetros da capital do Estado, era um local que atraía aventureiros e viajantes, por seu dinamismo e facilidade com que se podia cultivar vários tipos de grãos e por ser detentora de uma terra fértil, compondo as várzeas nas margens do Rio Guaribas (DUARTE, 2002).

O fato narrado acima é considerado pelos historiadores o marco inicial da povoação organizada do seu primeiro aglomerado humano, que recebeu o nome de vila, no governo piauiense do Conselheiro Saraiva, onze meses e três dias após a Proclamação da República, pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Em 20 de dezembro 1890, passou à categoria de cidade. O termo foi assinado pelo chefe de governo do Estado, João da Cruz e Santos, o Barão de Uruçui (FOCO, 2001, p. 3-4). Dessa forma, a necessidade de povoamento pelo gado e a vinda de criadores desses animais de outros Estados, para a implantação de fazenda, foram determinantes fundamentais, entre outros, que impulsionaram a formação social e econômica dos montes picosos.

O povo europeu mudou alguns aspectos dos picoenses a partir de 1800, alterando os padrões de habitações, modos alimentares, comércio, artes, política: “As evidências permitem informar que a presença de italianos e de seus descendentes constituiu-se indubitável fator de difusão da música, da literatura e das representações teatrais em Picos, durante a última década do século XIX e nas quatro décadas iniciais do século XX [...]” (FONSECA, 2004, p. 255).

Acrescente-se também que os europeus foram responsáveis por difundir o preconceito contra negros, mulheres solteiras e protestantes (FONSECA, 2004). Por sua vez, foram os responsáveis por difundir a fé católica para os picoenses, construindo um templo de orações dedicado a São José das Botas.

Na história de Picos, diversas famílias tiveram um papel fundamental para a sua construção histórica e cultural, inclusive foi com membros delas que procedeu-se com as entrevistas que serão analisadas no terceiro capítulo desse trabalho. Geralmente, elas eram compostas por comerciantes, de origem portuguesa, que vieram para Picos (PI), como a família “Luz”, por exemplo, que no século XVIII, fixaram residência na zona rural de Picos,

onde hoje se localiza o bairro Ipueiras que atualmente faz parte do núcleo urbano. Segundo Varão (2007), essa família fundou a fazenda Curralinho, que deu origem à cidade de Picos.

Destaca-se ainda os italianos, que também foram um povo que contribuiu para a formação da cultura picoense, bem como a ampla participação no comércio local. Após serem expulsos de seu país por questões políticas, vieram e estabeleceram morada na cidade de Picos (PI). A partir de 1860, muitos deles chegaram a Picos, trazendo seus costumes e modo de vida, o que modificou profundamente a sociedade local.

Segundo Fonseca (2004, p. 153), alguns desses italianos “falavam embolado”, não conseguindo aprender completamente a língua portuguesa aqui falada. Incluindo-se a isso o fato de os italianos terem sido os primeiros a abrir as portas de suas casas para que outras pessoas (de nível socioeconômico elevado) tivessem acesso a encenações teatrais, reisados e festas dançantes.

Conforme Damasceno (2012), as mulheres italianas eram bem menos recatadas que as picoenses. A italiana Socorro Portela, por exemplo, se formou em contabilidade e em pedagogia, o que não era comum às mulheres do início do século XX. Inclusive, nas palavras do autor, ela “pintou o sete”, conforme cita Fonseca (2004, p.180), e na cidade de Picos promoveu festas, passeatas, encenando dramas e tornando a vida cultural da cidade bastante agitada.

As famílias portuguesas que aqui chegavam, segundo Fonseca (2004), tinham pouca instrução escolar, mas sabiam ler e escrever. Dominavam operações aritméticas e eram bons comerciantes.

Até a primeira metade do século XX – quando a cidade comemorou o centenário de emancipação político-administrativa – havia escassez de infraestrutura, pois o núcleo urbano desprovido de equipamentos socioinstitucionais provocava efeitos adversos para a qualidade de vida da população. Por volta de 1950, Picos era uma cidade parecida com as outras de tamanho equivalente, existentes no Nordeste.

Duarte (1995) lembra ainda que até meados de 1950 havia algumas processadoras de matérias-primas locais, tais como: usinas de beneficiamento de algodão, arroz, cera de carnaúba e maniçoba; fábricas de cigarros e outras mais. Tudo isso em decorrência da integração do Nordeste com o Sudeste e também devido à dificuldade de concorrência com unidades industriais paulistas, mais modernas, capazes de produzir em maiores escalas. No entanto, as indústrias de processamento e transformação, como as usinas de açúcar, de beneficiamento algodão, etc., no município foram desaparecendo.

Apesar de ter havido pequenas indústrias em Picos na primeira metade do século XX, a contribuição maior para o produto bruto municipal era dada (como na maioria dos municípios nordestinos) pela atividade agropecuária. As atividades comerciais, como auxiliares na distribuição da produção gerada pela agropecuária e pela indústria, tinham, na cidade de Picos dos anos 50, a dimensão correspondente à importância dos outros setores produtivos. Uma vez reduzida à demanda dos chamados “gêneros de exportação” como, por exemplo, o alho, diminuiu visivelmente a produção local (DUARTE, 2002).

O final da década de 50 coincidiu com a exploração, em altos níveis em São Paulo, de produtos tradicionais da agricultura nordestina, como algodão, arroz, feijão e fumo. No exterior, surgiram os sucedâneos de gêneros de exportação (DUARTE, 2002), com a descoberta da borracha, dos tecidos de couro sintéticos, e do aumento da produção de açúcar de beterraba. Esses fenômenos tiveram impacto sobre a produção agropecuária do Nordeste e do Estado do Piauí, sem contar que aquelas atividades sofriam os desgastes, devido intensa utilização dos solos, combinando com clima quente e debilitação periódica da economia que também sofria com as secas. Nesse período, a cidade de Picos encontrava-se da seguinte maneira, conforme percebe-se na figura abaixo:

Figura 2: Picos na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ao fundo percebe-se a Praça Josino Ferreira e ao lado casas ainda com estilo muito pacato e humilde. A referida praça é hoje local de grande movimentação comercial, inclusive comportando os comércios mais conhecidos da cidade.

A partir do período de 1960, a cidade de Picos volta-se para a atividade que a sua localização estratégica lhe oferecia: o comércio, e assim o antigo local de entroncamento dos caminhos por onde transitavam as boiadas foi, aos poucos, transformando-se em um dos maiores entroncamentos rodoviário e em um polo comercial (DUARTE, 2002).

A privilegiada localização de Picos como encruzilhada de caminhos e estradas, também contribuiu para um fenômeno que a singularizou no interior nordestino. A existência de dezenas de núcleos urbanos de tamanhos variados (cidades, vilas, povoados) nas suas proximidades. Tais fenômenos foram aos poucos, fazendo de Picos uma espécie de planeta em torno do qual gravitavam (e continuam a gravitar) dezenas de cidades satélites, que se servem da cidade para adquirir bens e serviços de toda natureza.

Dessa forma, Picos se tornou um polo econômico que atrai em grande quantidade pessoas de outros Estados, pelas oportunidades de investimentos e trabalho, principalmente empresários e profissionais liberais. Atualmente, outros são atraídos pelas atividades de apicultura e cajucultura. Desde então, a cidade foi intitulada Capital “do mel e caju”. Esses movimentos migratórios de hoje não são apenas provenientes do Nordeste, mas também do Sul, pois os primeiros apicultores que chegaram aqui eram provenientes do Paraná, atraídos pela atividade do mel.

Nesse sentido, Duarte (1995, p. 208) assevera:

O dia-a-dia em Picos, hoje, parece ser mais intenso e mais frenético do que em qualquer outra cidade de igual porte. [...] mal o dia amanhece, nas várias rodovias de acesso à cidade. A partir de então, uma população flutuante em quantidade expressiva passa a agregar-se ao contingente de pessoas domiciliadas no perímetro urbano. No final do dia, o fluxo toma uma direção contrária, ou seja, da cidade para os lugarejos e cidades menores da circunvizinhança, o que não significa desconsiderar que, também ao anoitecer, ocorre outro fluxo de menor intensidade formado por pessoas que trabalham nas cidades polarizadas por Picos, e que nesta tem domicílio. O que importa, de qualquer modo, é que, se já não bastasse a exiguidade da área em que a cidade está localizada, os equipamentos urbanos de Picos têm que atender a uma população superior à que ali vive, o que necessariamente resulta em sobrecarga e má qualidade de muitos desses serviços.

Assim, o município revela-se como um rico campo de pesquisa e estudos, da economia urbana regional, populacional, etc.

O setor agropecuário de Picos e microrregião, ou seja, a própria economia rural, base da economia local, se por um lado alavancou o crescimento econômico, por outro, delineou um perfil social de acomodação por parte dos produtores rurais e de pouco ou nenhum apoio técnico, financeiro e governamental durante muito tempo de sua história.

A força venal do setor agrário provém, segundo Duarte (2002), das condições ambientais especiais – água subterrânea, manchas férteis nos baixões, baixios e brejos, manancial de água acumulada na Barragem de Bocaina – permitem a diversificação da agricultura, sem prejuízo das lavouras tradicionalmente cultivadas no município e na microrregião.

Picos, devido a sua localização privilegiada e a extensa área sob sua influência – a microrregião –, vem apresentando um crescimento elevado ao longo dos últimos 40 anos na economia. Nos anos 70, a cidade já era reconhecida pelo seu dinamismo como “município modelo”, o que a tornou um lugar visado, destino de migrantes originários da própria microrregião e também de outras regiões do país. Na imagem abaixo, podemos ter uma noção de como a paisagem arquitetônica da cidade de Picos era constituída:

Figura 3: Imagem da cidade de Picos na década de 1970



Fonte: Museu Ozildo Albano

Um acontecimento marcante na década de 1970 refere-se à instalação do terceiro BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), em plena ditadura militar. Por um lado, a presença do exército veio trazer alguns desconfortos, por conta do regime autoritário para a cidade de Picos, pois independente das ações desenvolvidas pelos militares, pois o fato da presença

destes na sociedade picoense desta época impunha respeito, moral, e o medo por parte de alguns picoenses.

Por outro lado, durante mais de trinta anos aqui instalados, vem realizando várias obras, principalmente de infraestrutura e desenvolvimento da economia, a exemplo da construção da BR 407, que liga o município de Picos/PI a Petrolina/PE. Outro exemplo é o aeroporto da cidade, concluído em 1981, embora funcionando precariamente. Abaixo, segue a imagem do local onde foi construído o 3ª BEC de Picos Piauí, bairro chamado antigamente de ‘Unha de gato’:

Figura 4: Local onde foi construído o 3º BEC



Fonte: Museu Ozildo Albano

O crescimento demográfico de Picos, desde a década de 70, tornou-se significativamente visível, quando a expansão mobiliária, ganhou os morros e as encostas. Na década de 1980 o crescimento passa a ser vertical, começa a surgir no panorama da cidade os prédios com até três andares. Essa verticalização se expandiu na década de 1990.

Nos anos de 1980 e 1990, o município se destaca no setor educacional, constituindo uma grande rede de ensino, tanto pública, quanto privada. Hoje, a rede municipal dispõe de 78 escolas, a rede estadual 17 e rede particular com 15 escolas, atendendo nos níveis de ensino infantil, fundamental e médio (DUARTE, 2002).

O empreendedorismo em Picos e cidades de tamanho equivalente não foi fácil, nos anos 80 e 90, levando em consideração as altas taxas de inflação e de juros que tornava inseguro qualquer empreendimento novo. Os investimentos não deixavam de ser uma operação de risco. Também nesse período ocorreu a descoberta do mercado consumidor da

cidade, por parte de empresários de Teresina e de outros Estados, que representam a própria expansão capitalista no Brasil. Surgem na localidade empreendimentos de grandes empresas. Alguns deles contam com economias de escala de produção, chegando mesmo a retirar do mercado alguns produtos tradicionalmente fabricados ali, como a cera da carnaúba, o algodão, entre outros. Essa é uma das expressões do movimento do capital na área local, ou seja, o movimento de centralização, onde os pequenos empreendimentos são sucumbidos pelo grande capital.

Ainda que existisse uma relativa produção de matéria-prima na microrregião de Picos, as vantagens comparativas das indústrias preexistentes em outras localidades dificultavam enormemente a implantação de novas indústrias no município, que não traz uma tradição industrial recente. Parece ser esse o caso da castanha-de-caju em relação às indústrias cearenses.

A partir do ano de 2000 em diante o município foi contemplado com cinco campos universitários, a saber: UESPI, UFPI, FATEV, Cristo Rei e Faculdade R.Sá. A criação dessas faculdades tem trazido uma grande contribuição para o desenvolvimento educacional e cultural da cidade, fruto da política expansionista da educação do Governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Quanto aos aspectos econômicos da década de 1950 aos dias atuais, a pavimentação asfáltica das BR's 316, 407 e 020, que cortam e dá acesso ao município de Picos, o coloca na posição do segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste, sendo o maior impulso que a cidade teve com vistas ao seu crescimento. Desde então, o município vem sendo conhecido como cidade promissora em vários setores. Além de ter sido conhecida como cidade do alho, da cebola e da comercialização do mel, hoje é vista em todo Brasil, por sua importância na produção do caju.

Destaca-se que o legado cultural de Picos, além de um perfil de comerciantes, pode estar diretamente ligado ao povo europeu, principalmente aos portugueses. Dentre as famílias mais antigas da cidade, encontram-se os “Martins” e os “Albano”, que vieram de Portugal para o Brasil. Esses primeiros moradores deixaram uma herança cultural muito importante para Picos, especialmente os segundos. Um exemplo é o único museu da cidade, que, infelizmente, não está completamente acessível ao público picoense. Esta pesquisa buscou diversas informações e coletou dados nesse museu, como cópias de jornais da época do apogeu e do declínio da produção de alho; fotos das décadas de 1950 a 1981.

O referido museu, que era chamado de “João Gomes Caminha”¹, denominado, atualmente, de “Ozildo Albano”, levou cinquenta e oito anos, sete meses e quinze dias de extrema dedicação à cultura, à memória da cidade e de seu povo. Essa informação faz-se necessário por que este foi um dos locais que coletou-se dados para subsidiar este trabalho, conforme destacou-se no parágrafo anterior.

Não perdendo esta veia comercial, a cidade de Picos hoje concentra a segunda maior feira-livre do Nordeste (perdendo apenas para a feira de Caruaru), devido ao crescimento mercantilista. Segundo a Associação Comercial da grande Picos, estão instalados no município 2.225 (dois mil duzentos e vinte cinco) estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços, assim distribuídos: Estabelecimentos Comerciais: 1.634; Estabelecimentos industriais: 45; Estabelecimentos de serviços: 546 .

De acordo com o censo de 2010, divulgado pelo IBGE, o município de Picos conta com 73.417 habitantes, sendo que 55.102 residentes na zona urbana e rural 18.206, com densidade demográfica de 84,01 habitantes por quilometro quadrado. O número de eleitores é de 39.112. No aspecto político, Picos se destaca como o segundo colégio eleitoral do Piauí, com sua microrregião de 50 cidades. No aspecto econômico, destaca-se como maior arrecadador de impostos sobre circulação de mercadorias e Serviços (ICMS), ficando abaixo apenas de Teresina, a capital do Estado; o que demonstra, mais uma vez, sua importância político-econômica.

Hoje, a cidade também oferece amplo atendimento na área da saúde, tanto no setor público quanto privado e atende todas as cidades vizinhas em diversas especialidades e programas, conforme o site da Prefeitura local estão registrados diversos Programas, como: Saúde da Família; Agentes Comunitários de Saúde; Combate às Carências Nutricionais; entre outros. Ainda, na área da Assistência Social, a Secretaria de Assistência Social do Município vem desenvolvendo vários programas junto às comunidades mais carentes.

Quanto à localização geográfica do Estado do Piauí, entre os estados do Nordeste, ele tem a menor costa litorânea, portanto, a grande maioria do seu território se encontra nas entranhas do território brasileiro. Picos, no entanto, não é banhado pelo mar, demonstrado no mapa a seguir.

¹ O museu encontra-se atualmente fechado para reformas, mas será reaberto ao público, após o termino destas.

Figura 5: Mapa do Piauí

Fonte: <http://www.picos.pi.gov.br>

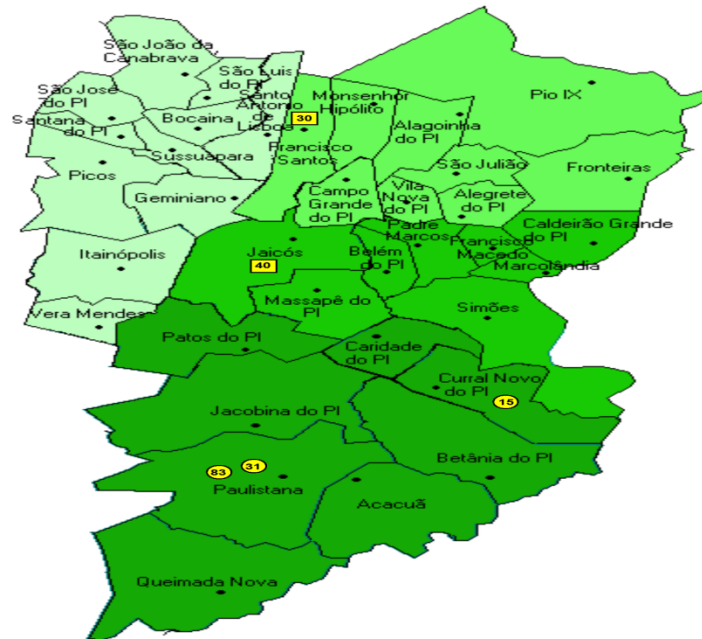
A imagem acima mostra a cidade de Picos, destacado com um ponto vermelho, apontando as cidades que estão ao redor. Atualmente, a cidade de Picos é conhecida no Brasil como Cidade Modelo e Capital do Mel e do Caju, mas já foi conhecida como cidade do alho, conforme relataremos no terceiro capítulo desse estudo. Picos têm hoje como uma das principais características sociais a mistura de raças em sua população, formada por pessoas, em especial estudantes, oriundos de diversos Estados.

Enfim, desde a sua formação, pode-se destacar o Rio Guaribas como um ponto essencial para a agricultura picoense, especialmente a cultura do alho, conforme será destacado nos itens a seguir.

1.2 Rio Guaribas: importância estratégica para a agricultura picoense

A cidade de Picos encontra-se no território da cidadania do vale do Guaribas-PI. Esse território abrange uma área de 22.822,40 Km² e é formado por 39 municípios, conforme figura 6, (SEPLAN, 2005).

Figura 6: Mapa do Vale do Guaribas



Fonte: <http://www.seplan.pi.gov.br/>

A bacia do rio Guaribas abrange 18 municípios, que são: Alagoinha do Piauí, Alegrete do Piauí, Bocaína, Campo Grande do Piauí, Francisco Santos, Fronteiras, Geminiano, Monsenhor Hipólito, Picos, Pio IX, Santana do Piauí, Santo Antônio de Lisboa, São João da Canabrava, São José do Piauí, São Julião, São Luiz do Piauí, Sussuapara e Vila Nova do Piauí. A maioria da população está concentrada na zona rural e a urbana representa apenas 5,03% (LUENGO et al, 1999).

O território do Vale Guaribas corresponde a uma área de clima semiárido, onde tradicionalmente desenvolve culturas adaptadas a esse tipo de clima, como a cultura do caju, do mel e da mandioca, entre outras. Apesar do tempo investido nessas atividades, por razões diversas os produtores ainda encontram dificuldades de se organizarem. Em consequência, ficam sem possibilidade de se manterem no mercado competitivo. A maioria deles não vê outra saída, a não ser abandonar o campo e ir para a cidade em busca de um meio de sobrevivência.

Quanto à povoação do Vale do Guaribas, segundo dados da SEPLAN (2005), teve início com os indígenas da tribo dos Jaicós. É do município de Oeiras que acontece o desmembramento do primeiro município do território, sendo chamado de Jaicós em 21 de fevereiro de 1834. Enquanto o segundo município é Picos, em 1890, local de nossa pesquisa. A tabela a seguir apresenta os municípios do território do Guaribas e o ano de instalação:

Tabela 1: Ano de formação dos municípios em torno do Vale do Guaribas

<i>Período da Instalação</i>	<i>Nº de Municípios</i>	<i>Municípios Instalados</i>
1832 – 1937	02	Jaicós (1832) e Picos (1890)
1938 – 1989	14	Paulistana, Fronteiras, Pio IX, Itainópolis, Simões, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, São Julião, Bocaina, Santo Antônio de Lisboa, São José do Piauí, Padre Marcos, Alagoinha do Piauí e São João da Canabrava.
1993 – 1997	20	Santana do Piauí, Caldeirão Grande do Piauí, Marcolândia, Jacobina do Piauí, Patos do Piauí, Queimada Nova, Alegrete do Piauí, Geminiano, São Luis do Piauí, Sussuapara, Vera Mendes, Belém do Piauí, Francisco Macedo, Massapê do Piauí, Acauã, Betânia do Piauí, Caridade do Piauí, Curral Novo do Piauí, Campo Grande do Piauí e Vila Nova do Piauí.
Total	36	

Fonte: adaptação de BRASIL (2006).

O vale do Guaribas tem uma população total de 331.395 habitantes, dos quais 182.642 vivem na área rural, correspondendo assim 55,11% do total. Possui 47.428 agricultores familiares, 1.193 famílias assentadas e 19 comunidades quilombolas, cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio é 0,60 considerado muito baixo. É nessa conjuntura que o Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável, está voltado para as atividades agropecuárias de maior relevância econômica que se desenvolve em nossa região, com destaque para apicultura, mandiocultura e cajucultura, entre outras.

Nesse local está localizado o Rio Guaribas, que contribuiu para o bom sucesso da colonização picoense. Elemento natural este que, graças a sua perenidade e águas propícia ao consumo humano e ao uso para a agricultura, fortaleceram e proporcionaram o desenvolvimento local, o que, aliás, a escolha do território onde hoje é a cidade de Picos, se deve à existência do rio Guaribas, pois a cidade formou-se à sua margem direita.

Segundo Duarte (1995), o município possuía inúmeros cursos naturais de água, além do Rio Guaribas, que é o principal rio de Picos; Riacho Vermelho e Riacho dos Macacos. O rio Guaribas, além de responsável pela economia através de plantações que se formavam à margem do leito do rio, também servia como fonte de abastecimento de água para o consumo, de bebedouro para animais, lavadouros de roupa, para a pesca e lazer comunitário.

Sobre a importância e utilização do rio Guaribas, Duarte (1995, p. 21) faz o seguinte destaque:

Em torno de contribuições econômicas para a cidade, havia uma espécie de divisão, de seccionamento, do leito do rio. Alguns trechos, correspondente a propriedades particulares, eram dedicadas às culturas de vazantes realizadas durante o verão, como alface, coentro, cebolinha, cebola e, sobretudo o alho, de que o município chegou a ostentar por vários anos o título de maior produtor nacional.

Acerca do que Duarte assevera, algumas fotos retiradas na década de 1970 podem nos dar uma melhor percepção de como eram esses espaços:

Figura 7: Vazantes do Rio Guaribas na década de 1970



Fonte: museu Ozildo Albano

Figura 8: Vazantes do Rio Guaribas na década de 1970



Fonte: museu Ozildo Albano

Com a referência supracitada e a partir das duas imagens, fica evidente a relevância do rio Guaribas para a economia da Região Picoense. Sua importância é inquestionável, principalmente nos primórdios de sua formação que a tornaram, como os plantadores de alho afirmavam: celeiro do Piauí.

Na década de 1970 no Piauí, a cultura do alho foi desenvolvida predominantemente nos leitos dos rios, especialmente o Guaribas, no período de Maio a Novembro, conforme destacado. Os proprietários de terra possuíam títulos de propriedade das terras, cujo valor era maior do que o das terras situadas fora do leito. Ainda nesse período, as etapas do sistema de produção do alho nos municípios de Picos e Bocaina eram as seguintes: nivelamento do terreno, preparo das parcelas e canteiros, adubação orgânica, nivelamento dos canteiros, riscamento e plantio, irrigação (operação realizada com cuias), capinas, adubação química, puxação, colheita, transporte (deslocamento do local de produção até a casa ou depósito do produtor), limpeza e trança que consiste no preparo das réstias ou “tranças”. Esse processo era todo manual, exceto nas fases de nivelamento do terreno, quando eram utilizados bois, e da adubação orgânica quando eram utilizados jumentos (QUIROGA et al., 1975). Mas esses aspectos só serão melhor tratados no capítulo terceiro, a seguir.

Na agricultura, um dos cultivos que teve maior destaque foi a plantação de alho. Essa cultura foi responsável por uma grande fonte de renda que impulsionou a economia da época, atingindo grandes patamares de produções e exportações desse produto agrícola que se

desenvolvia com grande facilidade nas vazantes e terras ao longo do Guaribas, o que será melhor explanado no capítulo seguinte.

Hoje o Rio Guaribas tem passado por diversos problemas, dentre eles a seca que assola a região, bem como a construção de casas na sua margem, além de conviver com o grande acúmulo de lixo:

Figura 9: Rio Guaribas em 2013.



Fonte: www.naturezabrasileira.com.br

Assim, podemos afirmar que Picos foi nas décadas de 1950 a 1981, um local de terras férteis, desenvolvendo-se rapidamente graças ao Rio Guaribas que por muito tempo abasteceu a população, oferecendo-lhe água e diversas vazantes favorecendo o plantio em suas margens e várzeas, inclusive do alho. Por fim, destaca-se que o Rio Guaribas é conhecido como o "Pai de Picos".

Tempos mais tarde, teve destaque seu posicionamento geográfico, onde hoje se localiza a cidade, como afirma Duarte (1995), comprimida, no corredor formado pelo morro e pelo rio. Picos está situada entre diversas cidades piauienses, sendo parada obrigatória para outras cidades do Estado e de passagem a outros Estados da Federação brasileira.

A localização privilegiada do município, como encruzilhada de caminhos e estradas, também contribuiu para um fenômeno que a singulariza no interior nordestino, sendo visto como um centro de convergência estadual (BRANDÃO, 1999).

Neste mesmo sentido, Duarte (2002, p. 17) afirma que:

Na primeira metade do século XX, a economia piauiense dependia primordialmente da pecuária extensiva. Era frequente nesse período,

encontrar-se intensos movimentos dos “tangerinos” e das boiadas por eles guiadas. Viam-se também os tropeiros que costumavam cruzar a via centro-leste do território piauiense. Aos poucos, a localidade se adensava, pois o local tornou-se ideal para uma parada estratégica de repouso e de recuperação de energias, tanto dos tropeiros como dos rebanhos. Como se pode supor, as pastagens naturais das várzeas adjacentes vinham de encontro às necessidades da pecuária itinerante.

Certamente, tais condições ambientais tão favoráveis fizeram com que “aquele aglomerado crescesse rapidamente, logo recebendo o título de vila” (ibid, p. 7). Geograficamente, a cidade de Picos está situada sobre a bacia sedimentar do Parnaíba. Esta estrutura geológica abrange quase todo Piauí e boa parte do Maranhão. O município tem uma área de 2.048 quilômetros quadrados. Seu clima é:

Tropical semi-árido muito quente e com duração de período seco de 7 a 8 meses, e uma temperatura máxima de 40°C (média máxima anual de 35° centígrados) e mínima de 14° C (média mínima de 22° centígrados), com uma média de 30° C. Com precipitação pluviométrica média por ano de 600mm. A vegetação característica da região é a caatinga arbustiva. A altitude da região é de 230 metros (FOCO, 2001, p.6).

Registra-se que o maior lençol freático do Piauí pertence à microrregião de Picos, que dispõe da barragem de Bocaina com capacidade para 160 milhões de metros cúbicos de água. Mais recentemente, a construção da Barragem do Poço dos Marruás, na cidade de Patos, sendo esta última considerada, hoje a maior da região e essa informação foi veiculada por várias emissoras de televisão do Piauí.

Enfim, foi esta capacidade híbrida que possibilitou que Picos fosse por muito tempo considerada como a capital do alho, na qual passavam compradores, vendedores e pessoas de diversos locais que encontravam no alho uma fonte de renda. Acerca desse tema o próximo capítulo esclarecerá melhor.

2 APOGEU DA PRODUÇÃO DO ALHO EM PICOS E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE PICOENSE

Nesse capítulo será analisado como se dava a produção do alho em Picos e sua relação com a cidade, pois havia a utilização de mão de obra no plantio, colheita, produção das tranças de alho e comercialização das mesmas no comércio e na feira livre da cidade.

Nesse período, a agricultura era uma das principais atividades econômicas da cidade, por esta apresentar um território propício para o desenvolvimento dessa atividade. As plantações eram desenvolvidas nas vazantes do Rio Guaribas, sendo neste período o rio perene, o que possibilitava a prática agrícola durante o tempo de seca na região. Além de sua importância econômica, a cultura do alho abria postos no mercado de trabalho, por causa do seu plantio em grande quantidade e no seu manejo para a comercialização, envolvendo os setores de produção e distribuição (QUIROGA, et al, 1975).

A Construção da Barragem de Bocaina, em 1981 influenciou, de forma negativa, nesta prática econômica, pois os detritos que sobravam desta construção ficavam sobre as áreas em que o alho era plantado, fazendo com que a produção diminuísse e, conseqüentemente, esse ciclo econômico fosse interrompido, causando um impacto negativo na economia picoense e para as famílias de pequenos agricultores que viviam em função dessa prática comercial, conforme aponta a fala de um dos entrevistados, que disse: “No tempo da barragem mesmo em 81, [...] todo mundo se queixa que perdeu a vazante, por causa da barragem porque a água lá ou não vem ou vem demais” (CARVALHO 2013).

Vale ressaltar que a agricultura fazia-se presente nessas épocas de forma tímida, porém, com a implantação e desenvolvimento do ciclo do alho na segunda metade do século XX, a economia picoense se consolidou ganhando notoriedade regional, isso por que, conforme visto no primeiro capítulo desse estudo, o Piauí de um modo geral era basicamente de economia pecuarista.

Além disso, o comércio picoense surgiu e com o tempo diversificou-se ganhando importância em consequência da população que reside na microrregião de Picos e que se tornara exigente na sua prática consumista. Com isso, foram chegando à cidade novas famílias de outros estados e de outras cidades do Piauí, movidas pelos ideais de oportunidade e prosperidade que apresentava, fazendo com que outros setores da sociedade, como saúde, educação, entre outros, se transformassem ou iniciassem seus trabalhos na prática para que a população de Picos e região pudesse usufruir dos benefícios oferecidos por eles.

Com o plantio do alho, algumas famílias na cidade de Picos conseguiram pagar os estudos de seus filhos em capitais, como Fortaleza e Teresina, e isso é perceptível nos relatos dos entrevistados: “Muita gente formou os filhos através da plantação do alho, muitas famílias mesmo (comércio mesmo através do alho)” (DANTAS, 2013).

O alho era tão importante em Picos que favorecia a criação de novos comércios em Picos, pois, nessa época, o alho era exportado não só para a região Nordeste, como ficou perceptível nos relatos de alguns dos depoentes.

A venda do alho em Picos foi bastante positiva para a sociedade local, pois com o advento do mesmo houve um grande desenvolvimento econômico na cidade. E, aliado a isso, se faz o fato de Picos ser entroncamento rodoviário, pois assim há um maior fluxo de pessoas e produtos no abastecimento do comércio local.

2.1 Um olhar histórico sob a produção de alho nas décadas de 1950 a 1981

Picos na década de 1950 era essencialmente agrícola, característica essa não mais presente hoje, tendo em vista que o comércio é o que tem destacado a economia picoense das demais cidades. Acerca da época em alusão, encontramos na Revista Piauiense dos Municípios de 1955 a seguinte informação:

[...] com a conseqüente capacidade de trabalho e dedicação a êle que caracteriza o picoense em geral, aliado ainda à benesse que representa o sistema potamográfico que poderemos chamar Guaribas-Riachão², fazem de Picos uma unidade econômica, a mais estável, mais liberal, mais democrática e mais expressiva de todo o nosso Estado (REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICÍPIO, 1955)³.

Além do Rio Guaribas, uma outra característica que devemos destacar quando relatamos a produção de alho em Picos nas décadas de 1970 e 1980 é o clima. Segundo consta em dados coletados pelo Instituto de Planejamento Administrativo Municipal – IPAM, em 1978 (IPAM, 1978), davam conta de que, em Picos, 77% das precipitações concentravam-se no período de Dezembro a Abril. Portanto, haveria um período mais quente que se estenderia de Maio a Novembro. Com isso, a cidade tinha apenas chuvas eventuais, o que era favorável ao cultivo do alho.

² O nome Guaribas-Riachão foi um dos primeiros nomes dados a Rio Guaribas, que perdeu a designação de “riacho”, ao ter um maior acúmulo de águas, passando ao afluente de nome rio. Anteriormente também havia recebido a designação de Barra das Guaribas (REVISTA DOS MUNICÍPIOS, 1955).

³ A referida fonte não possui página por se tratar de uma cópia cedida pelo Museu Ozildo Albano. A linguagem também foi preservada tal qual a revista expõe.

Por conta disso, a produção de alguns alimentos ficava mais viável. Conforme o IPAM (1978) cultivava-se no período algodão, feijão, milho, cebola e alho, produtos agrícolas economicamente mais importantes para o período citado. Isso por que estas culturas estão condicionadas às adversidades do meio, sendo a má distribuição das precipitações um dos principais fatores de limite à produção.

Também fala J. Patrício Franco, em artigo para a Revista Piauiense dos municípios, por volta de década de 1950 e 1960, que Picos não possuía latifúndios, sendo que as terras picoenses eram aproveitáveis à lavoura, pois eram férteis e não possuíam plantas extrativas, que poderiam ser um empecilho para a agricultura. Nesse contexto, insere-se a produção de alho. Acerca disso, Patrício Franco relata:

Grande parte do plantio, especialmente da cebôla e do alho, que Picos exporta em grande quantidade é feito no regime de vasantes do Rio Guaribas, que banha boa extensão de suas terras. Essas vazantes, que são de alto rendimento custam hoje um elevado preço, avaliadas que são em braças quadradas, disputadas como estalão de riquezas de laboriosos lavradores (sic).

Não obstante, pode-se dizer que à época o alho poderia ser considerado ouro, já que trazia muitos lucros para os seus produtores e era um dos principais produtos do período.

O alho é plantado nos solos brasileiros e pertence à espécie *Allium Sativum*, da família *Amaryllidaceae*. As variedades são denominadas de acordo com os costumes de cada região, de maneira que pode variar conforme for o clima, solo, tratos culturais. O cultivo do alho, conforme a Revista Foco (2001) vem sendo realizado em diversos municípios, além de Picos, como Sussuapara e Bocaina, até o ano de 2000 o alho produzido não era competitivo com o centro do país, porém, com amplas perspectivas econômicas para a exploração da cultura.

As condições climáticas, conforme já mencionado, eram favoráveis ao cultivo do alho, uma vez que exige pouco frio na fase inicial do ciclo, muito frio no meio do ciclo e menos frio e dias longos ao final. O alho cresce e se desenvolve satisfatoriamente em clima temperado. Porém, as cultivares de ciclo precoce, pouco exigentes em frio e foto-período desenvolvem-se em clima onde o período de bulbificação coincida com o período de temperaturas mais agradáveis (FOCO, 2001).

Na microrregião de Picos, o alho era cultivado sob irrigação por aspersão, com plantio no final de Abril a início de Maio, utilizando as cultivares ou espécies de alho locais chamados Mossoró e Cateto Roxo Local. Com a abertura do mercado e da globalização,

observou-se uma redução da área plantada no Brasil, passando de 18.722 hectares de terra em 1994 para 8.045 hectares em 1998 (FOCO, 2001, p. 25). Ou seja, uma queda brusca em quatro anos, reduzindo aproximadamente 60% da produção.

Na região Nordeste, a partir da década de 1980 até 1990, a redução foi de 43%, só no Estado do Piauí foi de 75%. Essa redução mais acentuada da produção de alho se deveu à baixa relação benefício custo do produto, aos preços elevados de insumo, à baixa qualidade de bulbos, geralmente inferior à do alho nacional, e aos baixos preços do mercado de alho importado do Sul e Sudeste do país, bem como do alho vindo da China.

Cabe destacar, não fugindo das décadas de 1950 a 1980 – objeto de estudo desse trabalho – mas a fim de apontar como foi se dando o auge e o declínio da produção de alho após essas duas décadas, que em 1998, o Piauí, com 1235 toneladas e baixa produtividade média, foi o oitavo maior produtor brasileiro e o segundo no Nordeste, sendo superado apenas pelo estado baiano.

O solo picoense é, por excelência, ideal para a produção de alho. A prova disso é que a EMBRAPA⁴ Meio Norte fez dois experimentos nos anos de 1997 e 1998 num local de nome Tamboril, no município de Sussuapara Piauí, na microrregião de Picos, a fim de identificar quais variedades mais se adaptam ao local. Após os dois anos de execução do projeto, e tendo plantado diversas plantas, chegou-se à conclusão de que os cultivares, ou espécies de alho locais denominadas Mossoró e Cateto Roxo Local se mostraram superior às outras espécies.

Até o ano de 2000 a cidade de Picos era conhecida internacionalmente como a “Capital do alho” (FOCO, 2001, p. 29). Perdendo o título para o caju, fruta que tornou a cidade hoje conhecida como a Capital do Caju.

As quantidades produzidas de alho representou em 1970, ano considerado irregular para a agricultura devido a seca, 17,4% da produção estadual. Já em 1973, apenas três anos depois, esse número caiu bruscamente para 7%, o que demonstra uma diminuição gradativa da produção (IPAM, 1978).

Inclusive, foi no ano de 1970 que em 118 há de terra se colheu mais de 11.200 quilos de alho, ao passo que no ano anterior não havia sido colhido nenhum quilo do produto, representando 17,4% da produção de todo o Estado do Piauí. Em 1971, em uma área de 78 há de terra, foi coletado 234 mil quilos de alho, quantidade muito superior ao ano anterior, 18,9% em relação a todo o Estado. Em 1972 essa produção caiu um pouco mais, sendo coletado

⁴ EMBRAPA-Sigla que denomina a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

apenas 103.200 mil quilos de alho, 11,82% de toda a produção do Piauí. Em 1973 e 1974 colheu-se 29.250 e 32.000 quilos respectivamente (IPAM, 1978). Observe a imagem abaixo:

Figura 10: Imagem das tranças de alho em uma feira na década de 1970



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na figura 10 pode-se perceber diversas tranças de alho, que era a forma como o mesmo era comercializado. As feiras eram os locais mais propícios, essa da imagem, por exemplo, ficava no centro da cidade de Picos, próximo à Igreja Matriz. Essa trança era composta de 100 cabeças de alho, e era vendida para todos os estados brasileiros, além de abastecer o comércio local.

Conforme Quiroga et al. (1975), Picos na década de 1970 era conhecida como a mais importante zona agrícola do Piauí. Eles citam que de lá provém 88% do alho produzido no Estado, como também, que a produção de alho era a atividade econômica de maior expressão nos municípios de Picos e Bocaina à época. Até o ano de 1973, por exemplo, Picos contava com mais de 700 produtores de alho.

Como Picos era um dos municípios com maior densidade demográfica do Estado, na época, ou seja, 25,70 hab./km², a cultura do alho foi bastante importante por conta da condição absorvedora de mão de obra. Contudo, na época, não existiam dados que confirmavam tal assertiva. Em um artigo da época, Quiroga et. al (1974, p. 78), relatam que:

Estudos de combinação de exploração que visem aumentar a rentabilidade da exploração agropecuária na região, bem como a distribuição mais racional dos fatores terra, mão-de-obra e capital, poderiam ser implementados desde que existam dados sobre a utilização destes fatores nas diferentes atividades, dados até o presente não disponíveis.

É interessante observar que o trabalho do autor citado acima, foi feito no auge da produção de alho em 1974. Esta pesquisa é de grande relevância por que ela aponta dados mais precisos acerca do tema, já que foram feitos na época a qual a pesquisa delimitou para estudo. Enfim, voltando ao assunto, como a cidade de Picos possuía uma população elevada, automaticamente não haveria escassez na mão-de-obra para trabalhar na colheita de alho.

Quiroga et. al (1974), em observação à colheita e ao plantio de alho fez algumas colocações. A primeira delas é que a cultura do alho era desenvolvida no leito dos rios, especialmente o Guaribas, nas épocas de seca, que se estendiam de Maio a Novembro. No entanto, como havia tido uma seca em 1973, a área plantada de alho havia diminuído bruscamente.

Nas terras de Picos, a produção de alho obedecia algumas fases. A primeira era o nivelamento do terreno, conhecida como “arraso”, e consistiam na movimentação de terras visando eliminar os buracos e saliências deixadas pelas águas da chuva. Esse processo aproveitava, inclusive, as águas dos barrancos dos rios. Era realizado nos meses de Maio e Junho, com bois, enxadas, enxadões e padiolas (QUIROGA, et al, 1975).

A segunda fase era o preparo das parcelas e canteiros. Cada parcela era constituída por diversos canteiros, sendo que cada canteiro media entre 4 e 6 metros. Entre cada canteiro tinha uma área chamada “levadinha”, em que se depositava a terra dos canteiros, num processo chamado “puxadão”.

Após esse processo, tinha a adubação orgânica, que era feita com “paú”⁵ da palha de carnaúba misturada ao “paú” de outras plantas, esterco de bovinos e de caprinos. Um fato que chamou a nossa atenção na análise do referido documento da época é que também, nesse processo, era usado o esterco de morcego, sempre 30 dias após o plantio do alho. Com o passar do tempo, como esse esterco ficou muito caro, os produtores o substituíram por sulfato de amônia. Outra informação retirada do documento, conforme o original (QUIROGA et. al., 1975, p. 81), acerca disso, segue abaixo:

os adubos orgânicos quando oriundos de grande distância, são transportados em caminhões até as proximidades do local de cultura. Dali, ou de distâncias pequenas, são transportados em jumentos ou em jacás e distribuídos em canteiros. Ali, são em seguida, misturados com a terra.

⁵ Paú é a denominação da mistura de esterco de animais com a palha, folha, cascas e materiais em decomposição originários de árvores.

A citação aponta como era feito o transporte desses adubos, que poderia ser de caminhão, em caso de grandes distâncias, ou ainda no lombo de animais, caso fosse perto.

Como existem muitos processos que envolvem a produção de alho, foi feito um quadro, com base no documento estudado, com as finalidades de cada um desses processamentos.

Tabela 2: Processamento do alho

PROCESSO	CONSISTE EM:
Nivelamento dos canteiros	Eliminar irregularidades nos canteiros, consequentes da adubação orgânica.
Riscamento e plantio	Trabalho executado por mulheres. Espaço entre os produtores.
Irrigação	Realizada com cuias para levar água, que está nas levadas.
Capinas	São duas carpas durante o ciclo da cultura.
Adubação química	Somente em cobertura, uma ou duas vezes, com sulfato de amônia.
Puxação	Retirada da terra para descobrir o alho. A terra retirada é colocada nas levadinhas.
Colheita	Consiste no arranchamento do alho.
Transporte	Deslocamento do alho até os depósitos até a casa ou até o depósito do produtor.
Limpeza	Tratamento ou limpa consiste na corte da raiz e retirada dos restos de terra da cabeça de alho.
Trança	As cabeças de alhos são separadas por tamanho. Cada trança é constituída de 100 cabeças.

Fontes: adaptado de Quiroga (1975)

Dados da época apontam que, mesmo com uma lucratividade elevada, os agricultores tinham um elevado custo com mão-de-obra, ou seja, 58% do custo total com o alho é para pagar despesas desse teor. A pesquisa da época ainda concluiu que os produtores de alho não avaliam o prejuízo que sofrem, pois não computam as despesas indiretas, bem como os gastos com a mão-de-obra e despesas familiares.

3 A CORRELAÇÃO ENTRE ALHO E PRODUTOR: AUGE E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO EM PICOS PIAUÍ

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os dados coletados nos relatos orais de seis pessoas que viverem a época do auge da produção de alho em Picos Piauí. Para isso, foi preciso fazer um corte transversal das décadas de 1950 a 1981, décadas do auge da produção de alho em Picos, para fazer a pesquisa.

Como auxílio para o trabalho, buscou-se informações no Museu Ozildo Albano, além de obter dados em revistas da época, como a FOCO. Também se buscou dados nos relatórios do IPAM e nos censos agropecuários das décadas estudadas.

Os relatos orais foram gravados em um gravador e após isso, transcritos para ser utilizados no trabalho.

3.1 A história contada pelos seus sujeitos: análise das entrevistas com os produtores de alho das décadas de 1950 a 1981

Conforme Portelli (1996), as lembranças não constituem um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e para a linguagem, pelo contrário, são o resultado de um processo elaborado no tempo histórico. Por isso dizer que lembrar proporciona a reinvenção de um passado em comum, fornecendo elementos para a compreensão do presente.

Nesse mesmo sentido, Halbwachs (1990) destaca que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, que é estruturado coletivamente e está sujeito a constantes mudanças. A memória seria uma recriação do passado a partir de quadros sociais definidos por aspectos estruturantes como a língua e a cultura e por aspectos conjunturais como o contexto histórico.

Destaca-se que a metodologia de História Oral proporciona o processo de lembrar e relebrar sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. Por isso, os depoimentos coletados têm a tendência de demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente.

É atribuída à memória uma função decisiva no processo psicológico total, já que ela permite a conexão do presente com o passado e interfere no processo atual das representações. “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as

percepções imediatas, como também empurra ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSI, 1979, p. 46-47)”.

Enfim, tem no relato dos seis entrevistados uma tentativa de reconstruir esse período da história da cidade de Picos, principalmente por estes sujeitos terem participado do processo da produção de alho. Estes indivíduos foram: José Manoel de Almeida⁶, Rosa de Lima Araújo⁷ Luz, Josino de Barros Neto⁸, Epaminondas Rodrigues de Carvalho⁹, José de Aquino Dantas¹⁰, Oswaldo Almeida de Sousa¹¹.

Conforme visto anteriormente, a produção de alho na cidade de Picos teve início a partir da década de 1950, chegando à década de 1970 a ser conhecida como a mais importante zona agrícola do Piauí. Com base nisso, foi indagado aos seis entrevistados em qual período tinha tido início a produção de alho em Picos. Eles disseram que:

Na cidade de Picos a gente iniciou do meu conhecimento na década de 50 (ALMEIDA, 2013).

Precisar a época não, mais saber que já é de muito de quando começou esse trabalho no rio Guaribas, no começo dos outros séculos, né? Nem desse século pela história da minha família eu tenho plantadores de alho da época ainda de 1800 chegando a 1900, né? Porque meu pai é de 1906 já quando eu nasci ele já plantava há muitos anos já vinham de herança, a propriedade já vinha de herança e já existe isso aí há muito, há mais de século na minha ótica assim num tem data precisa, mas pela história da minha família já mais de um século (LUZ, 2013).

Quando eu nasci naquelas era de 40, já fui crescendo vendo a produção do alho e até 1970 foi normal à produção do alho, era uma grande produção, a região de Bocaina, ali Santo Antônio, Balseiro, toda região, era uma safra recorde, naquela época era a maior feira de Picos era do alho. Depois de umas certas época de 78 pra cá começou a aparecer uns alho da Bahia da Argentina, do Pará e o povo foram deixando de consumir nosso alho pra consumir os alho dos outros estados, nossos produtos é um alho pequeno mais é sadio ele chega a durar até 18 meses sem “xoxar”, o nosso alho é orgânico é saudável, os outros alho é todo drogado, o nosso alho é um alho

⁶ É natural de Bocaina, atualmente técnico em laboratório atualmente, porém trabalhou por muito tempo no ciclo do alho na cidade de Picos durante a década de 1960, sendo sua família possuidora de vazantes de alho nessas duas cidades.

⁷ É natural de Picos, atualmente é professora aposentada, sendo a mesma filha de José Joaquim da Luz (*in memoriam*) possuidor de vazantes de alho em Picos e vendedor deste produto nas primeiras décadas de 1900.

⁸ É natural de Bocaina aposentado atualmente, trabalhou por muito tempo no ciclo do alho, sendo sua família possuidora de várias de vazantes em Picos e Bocaina nas primeiras décadas de 1900.

⁹ É natural de Picos, atualmente aposentado trabalhou no ciclo do alho e foi possuidor de várias vazantes e um dos maiores produtores e comercializador de alho em Picos nas primeiras décadas de 1900.

¹⁰ É natural de Picos, atualmente empresário, porém trabalhou por muito tempo no ciclo do alho sendo um dos maiores produtores deste produto no período de apogeu 1950-1975, ficando conhecido popularmente por Zé do alho em Picos desde essa época, até os dias atuais.

¹¹ É natural de Picos, atualmente é vigilante, mas, foi durante o período de apogeu na produção e venda do alho em Picos lavrador que trabalhou em várias vazantes deste produto nesta cidade.

cheiroso, a cultura empregava, ela ocupava na região até chegar em Picos muita gente, mais foi perdendo o valor e o pessoal se desestimula a trabalhar, nosso alho saiu não foi os produtor não, foi a falta de consumo, não tem mercado quem perdeu foi Picos, conheci duas safra milagrosa aqui em Picos, primeiro foi o alho depois o algodão (DANTAS, 2013).

As falas apontam que a época de 1950 foi o período inicial da produção de alho em Picos. No entanto, uma das entrevistadas, Luz (2013), ressaltou que desde que ela nasceu o seu pai já plantava alho, ou seja, antes de 1900, em sua propriedade, que já havia sido recebida por herança. O entrevistado Dantas (2013), que se trata de uma pessoa bastante conhecida na cidade, inclusive recebendo em seu nome a designação do fruto que vendia o “Zé do Alho”, relata que desde antes da década de 1950 ele começou ver seu pai plantar. Cita ainda que a partir da década de 1970 começam a aparecer o alho de outros locais, o que acaba por fazer com que os produtores vendessem menos, pois consumiam o alho dos outros estados e países. No entanto, ele cita que o alho produzido em Picos era muito mais saudável do que os outros de outros estados.

Santos e Alcobaça (2013, p. 1) chamam este período de “A involução da produção de alho” na Microrregião de Picos, e além desse fator de surgirem novos produtores de alho em outros estados, informam que está associada à erosão genética, possivelmente decorrente do uso inadequado do solo, poluição e assoreamento dos rios, à inadequação do produto às exigências do mercado e à perda das tradições culturais por parte dos agricultores.

Conforme visto anteriormente em Quiroga et. al (1975), o alho era plantado nos leitos do Rio Guaribas. A fim de fazer um cruzamento desses dados, perguntou-se aos entrevistados em que local era feito o plantio do alho. As respostas apontam o local como o principal:

Desde aqui na ponte até o encontro com o rio, todo o riachão até encontrar no Guaribas que vinha de Bocaina e seguia o riachão pra Santo Antônio, esse rio, ele todo era plantado de maio a outubro, terminava a colheita do alho, plantava milho e feijão, as vezes não dava pra tirar a colheita, o rio enchia, começava a chover, o rio levava tudo mais o alho sempre a gente colhia todo ano (ALMEIDA, 2013).

Ela era feita toda na extensão do rio guaribas de Bocaina pra cá, descendo eu num sei dizer até onde vinha no rio guaribas porque ele entra em outros rios, né? Mas essa extensão nossa de Bocaina até Picos era pequeno, era pequenas propriedades do rio porque eram divisões de herança de família uns era maior, outra a menor, tinha desde que o curso do rio dividia , ficava no meio já na nossa área o curso era só um lado era o curso do rio, então existia essas nuances de vir de lá pra cá uns era mais largo outro mais estreito contanto que não havia grandes propriedades só, era pequenas extensões de cada família que era divisão, assim de família (LUZ, 2013).

No rio Guaribas todim até o São Luís do Piauí era produzido o alho todim, o alho era uma fonte grande de renda, eu entendo do alho do germinar ate ele chegar na panela, a gente parou porque não tem o consumo (DANTAS, 2013).

Os relatos confirmam que toda a plantação era realizada no Rio Guaribas e suas mediações. A produção de alho na microrregião de Picos acontece há mais de um século, concentrando-se nos municípios de Picos, Sussuapara e Bocaina conforme informou Veloso (et al.,1999).

O Rio Guaribas teve uma grande importância na plantação de alho, por que suas águas eram propícias para esse plantio. No entanto, com o passar dos anos sua situação foi mudando, apresentando contrária àquela da década de 1950. Com base nisso, foi pedido para que os entrevistados relatassem como era a situação do Rio Guaribas na época da plantação de alho e qual a sua importância.

Muito diferente de hoje né? Na sua margem ainda continha um pouco de mato e tinha muita areia então facilitava o trabalho pro plantador de alho na época, hoje não tem, justamente o que aconteceu depois da construção da barragem, não juntava mais areia, e dificultava o trabalho, como tem pouco material não da mais pra fazer o plantio (ALMEIDA, 2013).

Ele era uma grande região, a lavoura era fortíssima, não carecia vir nada de fora, quando terminava o inverno de colheita, o pessoal já tava começando secar as vazantes, aí o rio nesse tempo não era devassado era um rio limpo a água era brilhosa, era uma água sadia, todo mundo podia tomar banho, mas hoje não pode mais (SOUSA, 2013).

O rio foi muito importante e até hoje é conheço gente que formou os filhos só com dinheiro da roça, o Guaribas era uma grande fonte de renda. A gente fazia naquele tempo uma parcela grande de 20, 30 canteiro era feito levadinha no meio pra gente caminhar entre os canteiro tudo numa largura só tudo de metro e meio e assim produzia, a vida do alho era pesada acordava de madrugada pra buscar o paú a vida era dura, mais era alegria, aquela satisfação na plantação (DANTAS, 2013).

Os relatos identificam a importância que teve o Guaribas para a época da plantação de alho. Inclusive, como cita o entrevistado Dantas (2013), muitos comerciantes da época pagaram os estudos dos filhos com o dinheiro retirado da colheita de alho.

Uma outra indagação foi quais as técnicas e como era feita a colheita do alho às margens do Rio Guaribas.

Era feito os canteiros, e a técnica manual todo o trabalho que a gente fazia o plantio, limpava o dentinho de alho deixando aquela partezinha da raiz introduzia na terra tudo manualmente, da preparação do canteiro até a colheita era tudo manual, são técnicas rudimentar. Era arrancado o alho, botava pra secar depois era tirada toda aquela raiz e traçado o alho. O alho era todo trançado, essa trança ela continha 100 cabeças de alho né? Que 10 tranças dava o milheiro, e tinha os trançadores era selecionado, contratado para fazer esse trabalho de trança num era todo mundo que sabia fazer a trança porque terminava caindo, e então o alho que você fazia às vezes botava a trança no ombro e ele se estraçalhava e caia (ALMEIDA, 2013).

A entrevista acima mostra que as etapas do sistema de produção do alho nos municípios de Picos eram as seguintes: nivelamento do terreno, preparo das parcelas e canteiros, adubação orgânica, nivelamento dos canteiros, riscamento e plantio, irrigação (operação realizada com cuias), capinas, adubação química, puxação, colheita, transporte (deslocamento do local de produção até a casa ou depósito do produtor), limpeza e trança que consiste no preparo das résteas ou “tranças”. Esse processo era todo manual, exceto nas fases de nivelamento do terreno, quando eram utilizados bois, e da adubação orgânica quando eram utilizados jumentos, confirmando o que foi tratado em Quiroga et al. (1975).

Quanto ao relato de em qual época ocorreu o apogeu da venda do alho em Picos, os entrevistados disseram que:

Na década de 70, aliás de 60 e 70 o apogeu da venda de alho em Picos era grande, então naquele tempo quem plantava alho era rico, meu tio mesmo, eu tinha um tio que, todo investimento dele tava no alho, ele trabalhava no inverno pra plantar, cultura de subsistência, mas o investimento maior era no alho, a gente tirava 20, 30 milheiro de alho, aguardava-se o preço melhor ai vendia, quando ele vendia esse alho. Muita gente formou os filhos através da plantação do alho, muitas famílias mesmo (comércio mesmo através do alho) (ALMEIDA, 2013).

Não sei precisar a data não, sabe, mas o apogeu, década de 60 depois das enchentes por que aí quando houve a enchente grande que acabou com tudo foi em 1960. Aí as enchentes foi diminuindo, mas antes 60 tinha mais produção, até essa enchente grande que acabou destruiu muita terra, o rio destruiu até 1960 era movimento muito grande mas até 80, 84 tinha muita plantação (LUZ, 2013).

Em 50, 60 foi por ai mais ou menos 70, 75 também o povo inventou de tudo, a evolução mesmo foi de 50 pra cá (BARROS NETO, 2013).

Conforme visto nos relatos, os entrevistados citam as épocas de 1950 a 1975 como o auge do alho, esta informação está de acordo com os períodos escolhidos para esta pesquisa. Quiroga et. al. (1975) confirma que apesar das enchentes, a cidade de Picos continuou forte

nas décadas de 1960 e 1970. Mas, a cheia repentina do rio Guaribas em 1973 arrasou totalmente a plantação em seu leito, e em 1974, por ter sido mais lenta, parte da produção foi colhida, rendendo muito pouco.

Contudo, houve um período em que a produção de alho começou a declinar na cidade de Picos Piauí.

No início dos anos 80 já começou com a sequência de secas, 81, 82, 83. Os mais velhos que eram produtor de alho foram morrendo aí você trabalhar com alho é pesado, não e todo mundo que aguenta não. O rio depois da construção da barragem de Bocaina, o acúmulo de dejetos no rio, aí ficou difícil de você fazer os canteiro e também a mão de obra, o pessoal começou a estudar, família arrumava emprego eu acho que a partir daí começou o declínio da produção (ALMEIDA, 2013).

No tempo da barragem mesmo em 81, ainda ficou alguma pessoa plantando um pouquim, foi o que todo mundo se queixa perdeu a vazante, por causa da barragem porque a água lá ou não vem ou vem demais (CARVALHO, 2013).

Citam a barragem da Bocaina como um fator muito forte para que a produção de alho caísse drasticamente. Citam ainda a escassez de mão-de-obra, pois já que os mais velhos morreram, os mais novos não se interessavam pela produção, pois era um trabalho manual.

Assim, percebe-se com todos os relatos que a produção do alho foi fundamental para o desenvolvimento da cidade de Picos, contribuindo muito, além de destacar a cidade nacionalmente, elevou Picos para ser conhecida em todo o Nordeste, pois o alho produzido Picos era de qualidade, não tinha agrotóxicos, era natural, em que o adubo era feito da mistura do “paú” com esterco de criação, de galinha, de morcego, o que o tornava de qualidade superior.

Também contribuiu muito para que o alho não fosse mais produzido foi o fato de o produtor não ter como trabalhar, a sujeira no rio, os esgotos, e o trabalhador não tinha como evitar isso. Sem cuidados do poder público, a construção da barragem.

O Rio Guaribas era uma máquina propulsora para o povo daquela época, ou seja, no período era a lavoura quem salvava os grandes produtores, pois com o dinheiro da venda do alho, muitos pais formaram seus filhos, montaram seus comércios, que existem até hoje, construíram suas casas, enfim, contribuíram para que fosse escrita uma nova história acerca da cidade de Picos, delineando novos aspectos da economia, da cultura e da sociedade picoense.

Fica, portanto, na memória dos sujeitos que viveram a produção do alho, as imagens de tudo o que conviveram e que talvez não volte mais, de uma época em que Picos era conhecida como capital do alho. O trabalho finaliza com uma pequena frase da narrativa de um dos entrevistados, que chamou a atenção: “Só sabe a saudade eu. Quando vejo esse rio, meu coração pulsa... se o povo consumisse o alho estava do mesmo jeito” (DANTAS, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto nesse estudo, desde a década de 1950 a agricultura era uma das principais atividades econômicas da cidade de Picos, principalmente pelo fato desta apresentar um clima e lençóis freáticos propícios para o desenvolvimento dessa atividade.

Todo tipo de plantação era desenvolvidas nas vazantes do Rio Guaribas, sendo neste período o rio perene, o que possibilitava a prática agrícola durante o tempo de seca na região. No caso da plantação de alho, objeto de estudo, a mesma era realizada no período da estiagem, pois o período chuvoso era impróprio para o plantio, devido às enchentes devastarem as plantações existentes nas proximidades. O que não evitou que por muitos anos, especificamente na década de 1970, enchentes acabassem com toda a produção de alho, mesmo assim os produtores conseguiram reverter à situação, voltando a plantar e destacar a cidade de Picos no contexto nacional, recebendo a designação de “capital do alho”.

Além de sua importância econômica, a cultura do alho abria postos no mercado de trabalho, por causa do seu plantio em grande quantidade e no seu manejo para a comercialização, envolvendo os setores de produção e distribuição. Essa produção era vendida nas feiras livres da cidade, em forma de tranças que continham 100 cabeças de alho. Além disso, elas recebiam designação de qualidade, ou seja, alho de 1, alho de 2, etc.

Analisando alguns censos agropecuários da época, nas décadas de 1970 e 1980, percebeu-se que a área plantada, produção e rendimento médio do alho foram crescentes no Estado do Piauí, sendo que a maior parte da produção veio da microrregião de Picos, inclusive esta cidade ficou conhecida como o maior produtor, com uma participação de no mínimo 50% da produção, com exceção para o ano de 1977.

A partir dos primeiros anos da década de 1980 ocorre o início da queda da produção de alho, que se acentua nos anos seguintes, com todo um desdobramento sobre, não só a geração de emprego e renda, mas a tradição da cultura para a região. Esse fato se deu principalmente, o que foi ressaltado nos relatos dos entrevistados, com a construção da Barragem de Bocaina em 1981, o que acabou por fazer com que chegasse pouca água às vazantes, além de, caso essa chegasse, seria com grande força, o que prejudicaria a colheita.

Não só isso, mas os entrevistados também citaram a questão do surgimento de outros mercados competidores com o alho produzido em Picos, através da produção e comercialização deste produto por outros estados, e posteriormente países, aonde estes alhos eram mais baratos em sua venda no mercado e feira picoense, substituindo o produto produzido em Picos-Piauí.

Também contribuiu para fazer o alho perder mercado, a seleção negativa, a própria forma de cultivar a terra. Estes foram fatores que, combinados entre si, potencializaram o desmantelamento da atividade.

Mas, destaca-se um fator fundamental, pois após a pesquisa, ficou evidente a importância cultural para a região, uma vez que agricultura e cultura estão intimamente relacionadas, inclusive conforme ficou destacado por alguns relatos, muitos produtores formaram os filhos fora do Estado com o dinheiro da produção de alho. Mais tarde, essas pessoas voltavam a Picos para trabalhar, inclusive muitos médicos da cidade são dessa época e formaram-se com esses recursos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.A.L.P. **Aspectos da produção e comercialização de alho. executiva:** Território Vale do Rio Guaribas / Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba -CODEVASF. Brasília, DF: TDA Desenhos e Arte Ltda. 2006, v.6, 78 p.
- BOSI, Ecléa. **Sociedade e memória:** lembranças de velhos. São Paulo: T.. A Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Tanya. **O escravo na formação social do Piauí:** perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: EDUFPI, 1999.
- DAMASCENO, Marli Ferreira de C. **A vogal átona final no falar dos picoenses:** uma investigação Sociolinguística. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal do Piauí, 2012.
- DUARTE, Renato. **Picos:** os verdes anos 50. 2ª ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995.
- _____. **A reconstrução de uma cidade:** plano de desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. ED. Do Estado do Piauí, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- FONSÊCA, Graziani Gerbasi. **Os italianos de Picos:** esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir do ano de 1870. Teresina: EDUFPI, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- IPAM, Instituto de Planejamento e Administração Municipal. **Um município piauiense:** Picos. Teresina, 1978.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LEAL, Firmino Libório. **Vozes da Ribeira.** 1ª ed. Bocaina, PI: Organizador, 2008.
- LUENGO, R.F.A.; CALBO, A.G.; LANA, M.M. **Classificação de hortaliças.** EMBRAPA Hortaliças, 1999.
- PTDRS. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. Território Vale do Rio Guaribas. MDA/PTDRS, Piauí, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- PREFEITURA DE PICOS PIAUÍ.** Disponível em: <http://www.picos.pi.gov.br>

QUIROGA, Gabriel Canêdo; SILVA, Zezuka Pereira da; CARVALHO, Eliezer Furtado de BENTO, Nilton Pereira. **Custo de produção da cultura do alho:** municípios de Picos e Bocaina (PI), 1975. Artigo. Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 1975. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/pat/article/viewFile/2201/2158>. (Último acesso 01/04/2013).

REVISTA FOCO. **111 anos:** Picos, nossa história. Picos, PI: Folha de Picos, 2001.

REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICÍPIOS. 2ª Semestre de 1955. Teresina-PI, Ano 3, n. 6, 1955.

RIBEIRO, Maria Luiza. **Historia da educação brasileira:** organização escolar. XXII ed. São Paulo: Cortez, 1992.

RIO GUARIBAS EM 2013. Disponível em: www.naturezabrasileira.com.br

SANTOS, Karla Brito dos. ALCOBAÇA, Jaíra Maria. **Aspectos Ambientais e de Mercado da Involução na Produção de Alho na Microrregião de Picos, PI.** Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT7--1246-20120629172346.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2013.

SILVA, Maria das Mercês e. **A COCAJUPI:** uma experiência de cooperativismo em Picos Piauí. Dissertação de mestrado apresentado à Universidade Federal do Pernambuco. 2011.

SOUSA, Jane Bezerra de. **O ensino municipal e o ensino privado em Picos (1929-1949).** In: II encontro interdisciplinar de pesquisa em Picos. Picos: EDUFPI, 2006.

TAVARES, Zózimo. **O Piauí no século 20:** 100 fatos que marcaram o estado entre 1900 e 2000. 4º ed. Teresina: Halley, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa. **Picos:** histórias que as famílias contam. Picos: EDUFPI, 2007.

VELOSO, M.E.C.; DUARTE, R.L.R.; SOBRINHO, C.A. **Características de alho em Picos, PI.** Horticultura Brasileira, v.16, n.3, 234-236, nov. 1999.

http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoseconomicos.php. (último acesso 05/09/2011).

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ENTREVISTAS

ALMEIDA, José Manoel de. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 08 fev.2013.

BARROS NETO, Josino de. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 24 jan.2013.

CARVALHO, Epaminondas Rodrigues de. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 25 jan.2013.

DANTAS, José de Aquino. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 30 jan.2013.

LUZ, Rosa de Lima Araújo. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 23 jan.2013.

SOUSA, Oswaldo Almeida de. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco José da Silva. Picos (PI), em 30 jan.2013.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Em que época iniciou-se a produção de alho na cidade de Picos?
2. Em que local era produzido o alho em Picos?E nesses locais de produção as terras eram utilizadas em grandes ou pequenas extensões?
3. Na produção de alho houve a utilização de formas de negociação das terras em que este era produzido como: arrendamentos, parcerias entre proprietários dessas terras e agricultores?
4. Como era a situação física do rio Guaribas na época da produção do alho?E como o mesmo era utilizado?
5. Qual era a importância do rio Guaribas na produção do alho?De que maneira ou formas era utilizado o rio Guaribas nesta época, ou seja,como era utilizado o rio Guaribas?
6. Quais as técnicas empregadas no plantio do alho?
7. Quais as técnicas empregadas na colheita do alho?
8. Havia alguma técnica empregada para que o alho fosse comercializado ou não?
9. Como e aonde o alho produzido na cidade de Picos era armazenado para que posteriormente fosse comercializado?
10. Em que local se comercializava o alho em Picos?Havia um local apropriado para venda do alho em Picos?
11. Para quem era vendido o alho produzido em Picos?Houve exportação deste e para onde?
12. Havia alguma cooperativa de produtores de alho em Picos?Como esta funcionava e qual sua contribuição para a economia local?
13. Em que época houve o apogeu na produção e venda do alho?
14. Como e quando a cidade de Picos ficou conhecida como capital do alho?
15. Qual a importância, e contribuição do alho para a economia picoense?
16. Havia alguma época do ano destinada ao plantio e colheita do alho,ou este era plantado e colhido o ano inteiro?
17. No período em que o alho era plantado, havia o cultivo de outras culturas?E aonde estes eram cultivados?
18. Quem foram os maiores produtores de alho em Picos no seu período de apogeu?
19. Em média quantas pessoas eram empregadas no plantio e colheita do alho?Havia alguma forma de pagamento ou remuneração para que estes trabalhassem nessa produção? ?

20. Na comercialização do alho quantas pessoas eram necessárias? Estes eram remunerados de alguma forma ou maneira?
21. Havia critérios para que uma pessoa pudesse trabalhar na plantação, colheita e comercialização do alho?
22. A que horas começava e terminava a jornada de trabalho das pessoas empregadas no plantio, colheita e comercialização do alho? Havia uma relação entre o horário e a atividade desenvolvida?
23. Havia investimentos dos produtores de alho em outros setores ou segmentos da economia?
24. Havia investimentos dos produtores de alho na continuidade dos estudos de seus familiares?
25. Houve a chegada na cidade de Picos de pessoas provenientes de outros lugares para que pudessem trabalhar de forma direta ou indireta no ciclo do alho?
26. Houve, por parte do poder público, o desenvolvimento de atividades ou práticas que conscientizassem a população na preservação do Rio Guaribas, devido a sua importância para a cidade de Picos?
27. Em que época iniciou o declínio do ciclo do alho em Picos? Quais os fatores responsáveis ou que contribuíram para que houvesse uma queda na produção e venda do alho em Picos?
28. Em que período ou época encerra ou acaba a produção do alho em Picos? E quais as suas consequências para a economia e sociedade picoense?
29. Na sua opinião, havia uma identificação da população picoense com o alho na época em que a cidade era conhecida como Capital do Alho? E hoje, ainda há essa identificação?
30. Houve enchentes na época em que o alho era produzido em Picos?
31. Houve secas na época em que o alho era produzido em Picos?

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/Piauí (1950 a 1981)

Pesquisador responsável: Francisco José da Silva

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/CSHNB

Telefone para contato: (89) 9922-5258

Local da coleta de dados: in loco

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: *Compreender o período do apogeu e declínio da produção e comercialização do alho na cidade de Picos no período de (1950 a 1981)*

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam sua história de vida e a experiência acerca da temática.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: _____, ____/____/_____

Assinatura

Nº de Identidade

Pesquisador responsável